

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 1b, Introdução à “Carta aos Hebreus”: o Quem, o O quê e o Porquê do Sermão (Parte 2)

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Tendo dado nossa atenção ao que podemos aprender sobre o autor a partir do conteúdo do sermão que ele nos deixou, também é apropriado que passemos algum tempo peneirando este texto para o que ele pode revelar sobre a congregação à qual ele se dirige. A falta de uma abertura de carta não nos ajudou em nada a esse respeito. Teria sido fabuloso se Hebreus tivesse começado com fulano de tal até o e tal lugar, preenchendo essas lacunas para nós.

A única referência geográfica real em todo o documento vem de uma saudação no final: aqueles da Itália cumprimentam você. E isso não é muito útil em termos de localizar o você que aqueles da Itália estão cumprimentando. Uma conjectura muito antiga sobre o público é que ele era composto de cristãos judeus, talvez até mesmo cristãos de língua hebraica.

A tradição do manuscrito contém muitos títulos dados a este documento em particular por escribas ou copistas que produzem aquele manuscrito, e estes tendem a focar em algum grupo de hebreus como o público real. Por exemplo, lemos em alguns manuscritos aos hebreus, escrito de Roma, aos hebreus, escrito da Itália, aos hebreus, escrito da Itália por meio de Timóteo, aos hebreus, escrito de Roma por Paulo para aqueles em Jerusalém, aos hebreus, escrito em hebraico da Itália anonimamente por meio de Timóteo. O que todos esses títulos de escribas têm em comum é a afirmação de que o documento foi escrito para o consumo de judeus cristãos.

Essa identificação tradicional do público continua a receber muito apoio, mas por razões que considero amplamente falaciosas. Por exemplo, é frequentemente argumentado que o interesse profundo do autor no Antigo Testamento é mais apropriado para um público judeu do que para um gentio, ou uma variante desse argumento é que o grau de familiaridade com o Antigo Testamento que o autor parece assumir por parte de seu público argumenta a favor de um público judeu em vez de um gentio. Pelo contrário, o Antigo Testamento é o corpo de oráculos sagrados para os cristãos gentios tanto quanto para os cristãos judeus.

Os cristãos gentios estariam tão interessados na exposição desses textos sagrados quanto os cristãos judeus. Os cristãos gentios também seriam rapidamente expostos e se familiarizariam com uma ampla gama de conteúdos do Antigo Testamento no contexto da adoração cristã e ouviriam ensinamentos cristãos ao longo dos anos. Se

olhássemos para dois outros textos do Novo Testamento, Gálatas e 1 Pedro, também teríamos que chegar a conclusões diferentes.

Esses dois textos são explicitamente escritos para cristãos gentios. Gálatas, é claro, busca impedir que os cristãos se deixem circuncidar. É um dado adquirido que essa é uma questão para os gentios, não para os judeus, para quem essa decisão foi tomada no oitavo dia de suas vidas.

1 Pedro também se dirige aos cristãos que se afastaram da idolatria, cujos vizinhos agora estão alienados deles porque não continuam a participar da religião greco-romana que costumavam fazer. Então, aqui temos dois textos claramente escritos para os gentios, cada um dos quais contém uma alta porcentagem, uma alta concentração de citações do Antigo Testamento e também referências e alusões que, para terem seu impacto total, precisam ser reconhecidas pelos cristãos gentios como alusões e referências aos oráculos de Deus. Tudo isso sugere para mim que os cristãos gentios nas primeiras décadas da Igreja estavam tão interessados e tão completamente socializados no conteúdo do Antigo Testamento quanto seus equivalentes judeus na congregação.

Outro argumento que é frequentemente apresentado em favor de um público judeu cristão é o foco do autor no culto sacrificial e seu pessoal. Ou seja, seu interesse no que os levitas e a casta sacerdotal de Israel fazem no templo ou, antes disso, no Tabernáculo. Argumenta-se que isso é de interesse dos judeus e não dos gentios.

Pelo contrário, eu diria que Hebreus aborda de frente o principal obstáculo do Antigo Testamento como escritura sagrada para cristãos judeus e gentios, a saber, como se apegar a esses textos como revelação divina e norma autoritativa sem também praticar o culto ritual que eles prescrevem. Ou seja, um gentio lendo o Antigo Testamento como a palavra de Deus precisaria ouvir como ele ou ela, como cristão, pode se apegar a esses textos sem participar de nenhum dos ritos do templo de Jerusalém. Isso seria uma questão tão urgente para o cristão gentio do primeiro século quanto para o cristão judeu do primeiro século.

Também é frequentemente sugerido que o autor está interessado principalmente em evitar uma reversão ao judaísmo. Mas tudo o que realmente sabemos é que o autor busca evitar a deserção, não em que direção os desertores estariam se movendo. Se ele estivesse pensando apenas ou principalmente em cristãos judeus voltando ao judaísmo não cristão, é impressionante que ele falasse disso como se afastando do Deus vivo, como em Hebreus 3:12, em vez de simplesmente se afastando de Cristo.

Foi o gentio que precisou se voltar para o Deus vivo dos ídolos em primeiro lugar, e foi o cristão gentio que se afastaria do Deus vivo ao retornar à sua vida anterior. As comparações do sol com os anjos, com Moisés e com o culto levítico são claramente

destinadas a promover o valor do que os cristãos agora têm em seu relacionamento com o sol. Não está tão claro que essas comparações sejam destinadas a menosprezar o judaísmo como uma alternativa viva.

Há também vários indicadores positivos no sermão de que os cristãos gentios também faziam parte do público do autor. Por exemplo, os tópicos da instrução primária do público após sua conversão são mais apropriados para convertidos gentios do que para convertidos judeus. O autor escreve no capítulo 6, versículos 1 a 2, que no processo de ser socializado em sua nova fé, o público foi exposto a ensinamentos sobre arrependimento de obras mortas e fé em Deus, instruções sobre batismo e imposição de mãos, e ressurreição dos mortos e julgamento eterno.

Agora, o judeu típico do período do Segundo Templo, é claro, já possuiria fé em Deus e saberia sobre a ressurreição dos mortos e o julgamento eterno. Esses são pilares muito comuns das construções judaicas do cosmos em uma ampla gama de grupos judaicos, e até mesmo judeus tradicionais que podem não estar alinhados, digamos, com um dos partidos ou escolas famosas dentro do judaísmo, como os fariseus ou os essênios. Seria muito estranho para o autor pensar em arrependimento de obras mortas e fé em Deus como o que é apropriado para os judeus.

Em vez disso, é provavelmente uma pista para a conversão dos gentios da idolatria. Ídolos são frequentemente chamados de obras mortas. Por exemplo, Wisdom of Solomon fala sobre o artesão trabalhando uma coisa morta com suas mãos enquanto ele cria um ídolo.

E, claro, a fé em Deus é uma maneira de falar sobre a conversão dos gentios ao Deus de Israel em um texto como a primeira carta de Paulo aos tessalonicenses. A natureza da missão paulina em si, à qual o autor e, portanto, muito provavelmente a congregação pertenciam, também sugere que os cristãos gentios estariam presentes entre a audiência. Afinal, Paulo se considerava o apóstolo dos gentios, e mesmo que incluísse judeus em sua audiência quando pregava, e mesmo que estivesse comprometido em desenvolver congregações onde cristãos judeus e cristãos gentios pudessem ter comunhão à mesa juntos, ele identificou seu trabalho principalmente em termos de alcançar as nações.

Então, se o autor pertencia à missão paulina, parece provável que ele tenha se dirigido a uma igreja que surgiu dessa missão, e tal igreja teria uma congregação mista de cristãos gentios e judeus. Ao pensarmos sobre o local onde essa congregação mista específica de judeus e gentios convertidos vivia, ficamos um tanto perdidos. A única pista novamente para a geografia é fornecida no versículo 13, 24, os da Itália vos saúdam.

Agora, isso foi tomado como significando uma de duas coisas: ou que a carta foi escrita da Itália ou que a carta foi escrita de volta para casa para pessoas na Itália de

seus irmãos e irmãs no exterior. Todas as conjecturas dos primeiros escribas, no entanto, se alinham com a primeira opção, talvez de acordo com os modelos do primeiro Pedro e do primeiro Clemente, duas outras cartas do primeiro século que foram escritas de Roma para cristãos em outros lugares. A expressão daqueles da Itália, em grego, também é uma maneira bem atestada de falar de origem, mas não uma maneira bem atestada de falar de separação de um lugar.

Tudo aponta, portanto, para a Itália, talvez até mesmo Roma, como o principal centro do cristianismo na Itália como o lugar de composição. Mas, tendo dito isso, temos muito pouco a dizer sobre o lugar de recepção, exceto que provavelmente seria em algum lugar no cinturão da missão paulina. Os estudiosos estão cada vez mais interessados na análise social do cristianismo primitivo.

Wayne Meeks, por exemplo, escreveu um estudo inovador a esse respeito sobre a igreja de Corinto chamado *The First Urban Christians*. Hebreus não se presta ao mesmo tipo de análise nem quase no mesmo grau, mas podemos dizer algumas coisas sobre o nível social dos destinatários. Primeiro, o sermão sugere um público que vem de todos os níveis sociais, em vez de meramente das massas sitiadas ou dos pobres.

Alguns membros desta comunidade já tiveram propriedades que valiam a pena confiscar. A congregação ainda tinha membros capazes de oferecer hospitalidade e realizar atos de caridade, mesmo após o período de sua perseguição mais intensa. O autor também sentiu que era necessário alertar os ouvintes contra a ambição em relação à recuperação da posse e possivelmente do status, uma questão mais provável para os que têm, ou pelo menos uma vez que têm, do que para os que não têm.

Sabemos algo da história do público a partir de três episódios da história da comunidade que o pregador traz à mente. Ele relembra esses episódios particulares estrategicamente. Cada um serve a um propósito em seu sermão: posicionar os ouvintes para responder aos seus desafios atuais da maneira que ele os teria.

No entanto, eles também servem para abrir três janelas para a vida desta comunidade ao longo do tempo. Elas têm a ver com as origens da comunidade, a socialização que eles receberam como novos convertidos e as reações negativas de seus vizinhos em algum momento anterior de sua história. O primeiro episódio que ele relembra tem a ver com as origens da comunidade.

No capítulo dois, versículos um a quatro, lemos na forma de uma pergunta: como fugiremos, negligenciando tão grande salvação que foi anunciada primeiramente pelo Senhor e confirmada a nós pelos que a ouviram, Deus testificando ao lado deles com sinais e maravilhas e várias obras de poder e desembolsos do Espírito Santo de acordo com sua vontade. Nessa experiência de conversão, de ouvir a palavra, os

ouvintes também experimentaram a presença e o poder divinos. Este foi um encontro experiencial com o divino que confirmou para eles a verdade da mensagem do evangelho.

Este é um padrão comum entre as igrejas paulinas. Se alguém comparasse os versículos iniciais de 1 Coríntios capítulo dois ou de Gálatas capítulo três com esta descrição em Hebreus capítulo dois, encontraria uma série de similaridades, particularmente na confiança em Deus para aparecer e trazer convicção aos ouvintes. O grupo, suas reuniões e sua visão de mundo e história fundamentais foram, portanto, investidos da legitimação carismática que veio das pessoas sendo colocadas em contato com o divino, com o supremo, em virtude de receber e crer nesta mensagem.

A experiência foi suficiente para motivar o público a fazer uma ruptura decisiva com seus antigos entendimentos de como o divino operava e era acessado. Isso é verdade, quer eles fossem judeus não cristãos ou pagãos não cristãos. De qualquer forma, seu encontro com a mensagem e com Deus por meio da mensagem os convenceu a romper com formas consagradas de interagir com a divindade e, portanto, também a romper com as redes sociais que eram sustentadas por e que sustentavam esses padrões de interação com a divindade, seja na sinagoga separada da igreja ou nos templos e espaços cívicos por todas as cidades gregas e romanas do território e do território da missão paulina.

O segundo episódio na história da comunidade, no qual o autor nos dá uma olhada mais de perto, é sua socialização nesse novo modo de vida, nesse novo modo de ver o mundo que era o evangelho. Eles estavam imersos nos oráculos de Deus, particularmente sem dúvida em uma leitura centrada em Cristo das escrituras do Antigo Testamento, e estavam imersos no ensinamento básico sobre Cristo, como o autor coloca em 6:1. Essa foi a história fundamental da intervenção de Deus em torno da qual o movimento cristão foi formado, a intervenção de Deus no homem Jesus Cristo. O autor também fala de seis componentes de seu catecismo primário, por assim dizer, nessa nova fé e novo modo de vida.

Isso incluía arrependimento de obras mortas e fé em Deus, ensinamentos sobre batismos e imposição de mãos, ressurreição dos mortos e julgamento eterno. A fé em Deus é, claro, fundamental para a conversão dos gentios ao cristianismo. Paulo relembra como os convertidos tessalonicenses, por exemplo, se voltaram para Deus, deixando os ídolos para servir a um Deus vivo e verdadeiro em 1 Tessalonicenses 1:9. A ideia de arrependimento de obras mortas, mais uma vez, relembra a linguagem de renunciar à idolatria, que é tipicamente associada a chegar à fé em Deus.

Sabedoria de Salomão 15 versículo 17 fala sobre o artesão pagão fazendo uma coisa morta com suas mãos sem lei, e esse autor frequentemente chama os ídolos de coisas mortas, nekra . Então, é bem possível que o autor de Hebreus tenha em

mente aqui um ensinamento cristão antigo sobre por que a idolatria simplesmente não é a maneira de interagir com os poderes divinos. Também é possível que o arrependimento de obras mortas possa se referir ao arrependimento daquelas obras que levam à morte, em oposição às obras que levam à vida.

Esta seria uma interpretação desta frase consoante com um contexto judaico também, como a encontramos em Deuteronômio 30, versículos 15 a 20. Ali Moisés ordena a seus ouvintes que escolham a vida em vez da morte, obedecendo à lei de Deus em vez de realizar obras que são contrárias à lei de Deus. Um pensamento sobre obras mortas que eu acho que deveria ser descartado é que fazer a lei do Antigo Testamento ou a prática do culto do Antigo Testamento seriam as obras mortas contra as quais o movimento cristão primitivo pregava.

Agora, essas podem ter sido obras ineficazes no que diz respeito ao pregador de Hebreus, mas certamente não obras mortas ou obras que lidam com a morte. Isso representaria uma distorção da visão deste autor sobre a lei do Antigo Testamento e até mesmo sobre o culto do Antigo Testamento. O autor também está aqui estrategicamente colorindo a vida pré-cristã.

Ele contrasta as obras mortas de suas vidas à parte de Cristo com as obras nobres que os convertidos agora são capazes de realizar em conexão com Cristo em dois outros pontos de sua carta, Hebreus 10:24 e Hebreus 13:21. Esse tipo de coloração estratégica ajuda os cristãos a quererem manter sua identidade atual em vez de retornar a uma identidade menos nobre e certamente menos frutífera. O batismo é, claro, o direito primário e bastante universal de entrada no movimento cristão.

É significativo como um mecanismo que ajuda as pessoas a fazer a transição de uma identidade e um grupo social primário para outro. Como Paulo, por exemplo, diria em Romanos, o batismo é sobre morrer para a vida antiga e voltar à vida para uma nova vida. Há um elemento de renúncia no ritual, assim como se apegar a uma nova vida e uma nova comunidade.

O que é intrigante sobre o texto em Hebreus é que ele se refere ao ensino sobre batismos no plural, e francamente ainda não é certo se o autor estava aludindo a algum outro ensino antigo que contrastava o batismo com ritos purificatórios pagãos ou judaicos ou que adicionava o batismo a alguma outra prática distinta de purificação que é desconhecida na igreja primitiva. Ou talvez o autor estivesse falando de uma maneira diferente aqui da dupla limpeza que ele discute mais detalhadamente mais tarde no capítulo 10, versículo 22, onde o corpo é lavado com água limpa, um batismo físico, mas a consciência ou o coração é lavado de uma má consciência pela morte de Jesus, um efeito espiritual do batismo. Outra possibilidade, dado que o autor fala de receber uma parte no Espírito Santo logo após esta passagem em 6-4, é que o autor estava pensando no batismo na água como a entrada certa na comunidade e também um batismo com o Espírito Santo.

Imposição de mãos é muito comum em Atos, que também é um texto conectado com a missão paulina. Ela aparece em conexão com a facilitação da recepção do Espírito Santo pelo convertido, sendo divinamente capacitado para a jornada da conversão à consumação. Os dois elementos finais de sua socialização tinham a ver com a ressurreição dos mortos e o julgamento eterno, que são as principais facetas tanto da cosmovisão judaica quanto da cosmovisão cristã.

O autor enfatiza isso porque continua importante como base para pesar as vantagens e desvantagens dos cursos de ação nesta vida. Ele relativiza essas consequências mundanas e maximiza as consequências post-mortem. Assim, ele encoraja nossa congregação cristã a pagar quaisquer custos de curto prazo que sejam necessários para evitar custos post-mortem, por assim dizer, que durarão muito mais e serão muito maiores.

Tudo isso, tomado em conjunto, reflete um poderoso processo de ressocialização, combinando ensino e ritual na formação de uma nova identidade e um novo senso de pertencimento para esses primeiros cristãos. Em Hebreus capítulo 10, versículos 32-34, o pregador leva os destinatários de volta a um episódio, talvez de fato um período prolongado, de grande tensão e hostilidade em relação ao relacionamento deles com seus vizinhos. Agora, lembrem-se dos primeiros dias em que, tendo sido iluminados, vocês suportaram uma grande disputa de sofrimentos, em parte sendo feitos por reprovações e provações, e em parte fazendo-se parceiros daqueles assim tratados.

Pois vocês mostraram simpatia pelos que estavam presos, e aceitaram a apreensão de seus bens com alegria, sabendo que vocês mesmos tinham posses melhores e duradouras. Não sabemos há quanto tempo esses dias passados foram na época em que este sermão foi entregue. No entanto, obtemos uma imagem clara e pungente na qual a honra do grupo cristão estava em perigo como resultado de sua identificação com este Jesus e com o movimento que estava se espalhando pelas cidades do Mediterrâneo em seu nome.

Naqueles dias antigos, seus vizinhos respondiam a eles com reprovações e com algum tipo de assédio que poderia ser chamado de algum tipo de julgamento. E o autor destaca sua experiência de vergonha ao chamar isso de ser transformado em um espetáculo em virtude das reprovações e do assédio aos quais a comunidade era submetida. Mas ele também aponta como eles voluntariamente se manifestaram com coragem em direção àquelas irmãs e irmãos que tinham sido mais visados por seus vizinhos não cristãos, mostrando simpatia por aqueles que tinham sido jogados na prisão como resultado de seus novos padrões de comportamento e sua nova lealdade.

Ao fazer isso, eles aceitaram grandes riscos para irem e se mostrarem publicamente como parceiros dessas pessoas que tinham sido mais envergonhadas e convidariam vergonha semelhante, assédio e até mesmo ações legais contra si mesmas. O autor também fala da apreensão de propriedade, e não está claro se isso era algum ato oficial de confisco, por exemplo, multar os crentes por alguma acusação relacionada ou simplesmente a pilhagem de posses, como acontecia frequentemente no mundo antigo se um grupo estivesse em desuso. Se um grupo não tivesse recurso à proteção de patronos poderosos ou ao sistema legal, eles eram alvo fácil, por assim dizer, para pilhagem.

O ponto do exemplo do autor é que, no passado, a comunidade era capaz de suportar todas essas coisas com coragem e até mesmo com um senso de alegria, sabendo que seu investimento agora contava tanto aos olhos de Deus. Agora, a honra era um valor social central no mundo greco-romano. Sêneca, aquele senador e filósofo romano do primeiro século, observou que o que é honroso é tido como caro por nenhuma outra razão senão porque é honroso.

Portanto, honrar ou envergonhar são meios primários de reforçar valores de grupo. Este é o pivô fundamental de valores ou eixo de valores sobre o qual outras considerações poderiam então ser construídas. Os vizinhos dos cristãos buscavam fazer com que os cristãos se sentissem degradados, envergonhados e menos valiosos como resultado de sua mudança de seu antigo modo de vida para esta nova e questionável fidelidade.

A motivação desses vizinhos em fazer isso era corrigir o que eles percebiam como comportamento desviante. Eles queriam resgatar seus próprios vizinhos que tinham desertado para esse estranho culto oriental e reconquistá-los. Ou se eles fossem judeus, a pressão da sinagoga teria como objetivo reconquistá-los para uma observância mais próxima da lei de Moisés, a Torá, o que poderia incluir não se associar tão intimamente com os gentios como Paulo e sua missão fizeram os cristãos judeus fazerem.

Era também um meio pelo qual os vizinhos dos cristãos poderiam desencorajar mais conversões se pudessem mostrar que, se se juntassem a esse grupo, isso é o que aconteceria com eles. Pode haver algum elemento em que a reação desses vizinhos fosse uma tentativa de reafirmar seu próprio comprometimento com sua própria visão de mundo e valores, que eles descobririam estar ameaçados à medida que seus vizinhos desertassem para esse estranho culto. Há uma série de razões pelas quais um estranho não cristão consideraria se juntar ao grupo cristão uma ação antissocial e potencialmente subversiva, uma escolha que merece correção.

Enquanto os gentios observavam alguns dos seus se juntarem ao grupo cristão, o que eles teriam visto seria um movimento em direção à impiedade, até mesmo ao ateísmo. O que Paulo celebraria em 1 Tessalonicenses como abandonar os ídolos

para servir a um Deus vivo, a maioria dos gentios veria como desonrar a maioria dos deuses em prol da adesão a um Deus reconhecidamente tribal do povo de Israel. Os gentios provavelmente também considerariam se juntar ao movimento cristão como potencialmente revolucionário ou subversivo.

Afinal, se os gentios soubessem alguma coisa sobre esse grupo, eles sabiam que seu líder havia sido devidamente executado por um governador romano por sedição em virtude de ter sido crucificado. Os judeus, por outro lado, considerariam esse movimento cristão crescendo como um movimento que ameaçava corroer os limites ao redor do povo santo de Deus, pois levou os judeus, antes bons mantenedores de limites, a comer com os gentios, a ter comunhão com eles, a entrar em suas casas talvez como um local para adoração cristã e, de muitas maneiras, a ameaçar os limites que Deus havia colocado ao redor do povo santo de Deus na própria lei de Moisés. Eles também considerariam os convertidos judeus como seguidores de uma pessoa que é, na melhor das hipóteses, um pretendente messiânico, na pior, um blasfemador e um feiticeiro em conluio com Satanás.

A resposta dos destinatários, a resposta dos cristãos a esse período anterior de experiência com a vergonha e as pressões corretivas de seus vizinhos, é especialmente importante. Eles aceitaram a rejeição. Eles aceitaram as tentativas de atribuir vergonha a eles e desconsideraram isso, apegando-se, em vez disso, à comunhão uns com os outros e à lealdade contínua a esse Cristo que eles descobriram e ao Deus que os tomou sob sua proteção como muito mais valioso do que a aceitação de seus vizinhos.

Isto, por sua vez, será o motivo pelo qual o autor apresenta este período anterior diante deles para encorajá-los a não desistir de sua ousadia anterior. Talvez ainda mais importante do que informações sobre o autor de um texto antigo ou o público desse texto antigo seja a informação sobre a situação desses ouvintes no momento de receber esse texto. Uma das perguntas muito importantes que devemos fazer sobre Hebreus é: quais desafios seu autor aborda? Não há evidências de uma oposição nova ou intensificada ao movimento cristão refletida neste texto.

De fato, não há evidências de que seus vizinhos estejam mesmo continuando seus esforços energéticos de envergonhar. Um desrespeito frio da parte deles pode ter substituído os atos acalorados de degradação e assédio daquele tempo anterior. Isso separaria Hebreus de 1 Pedro, por exemplo, onde o autor fala da pressão presente e contínua de pessoas de fora.

Também não há evidências de desvio doutrinário como causa premente para o autor compor e enviar este sermão. Hebreus capítulo 1, versículos 5 a 14, tem sido tomado de tempos em tempos como um sinal de que os destinatários estão começando a adorar anjos ou a pensar muito bem deles. Este quase certamente não é o caso, mas sim um mau exemplo de leitura exagerada de um texto.

Se o autor estivesse realmente preocupado com os destinatários começando a adorar anjos ou algo assim, como temos evidências em Colossenses, a exortação que se seguiu a 1:5 a 14 refletiria isso em vez da preocupação que realmente reflete. Hebreus parece ter sido ocasionado em grande parte por uma simples falha de comprometimento. Tentativas anteriores de envergonhar os cristãos desviantes podem ter falhado no curto prazo, mas estão começando a ganhar força no longo prazo.

Uma evidência firme que temos sobre a situação do público é que alguns de seus membros, não necessariamente muitos, mas alguns, começaram a se afastar de se reunir com um grupo cristão maior. Em Hebreus 10:25, o autor diz, não abandonem a congregação, como é costume de alguns. Agora, essa última frase nos mostra que o autor recebeu claramente a notícia de que alguns dos convertidos começaram a pensar que comparecer às reuniões cristãs não vale o preço que isso ocasionou.

Esses crentes começaram a trilhar o caminho perigoso de se acomodarem mais uma vez às expectativas de seus vizinhos não cristãos, buscando estar em casa mais uma vez em sua cidade natal, ficando cansados de ansiar pela aparição desta cidade celestial que lhes foi prometida. Ao lermos Hebreus do começo ao fim, parece que o perigo imediato que os ouvintes enfrentam é uma falha de comprometimento e seus efeitos, ou seja, deixar o grupo cristão e desistir de seu foco no prêmio que a mensagem cristã tem diante deles. Assim, lemos sobre o perigo de se afastar da mensagem que ouviram em sua conversão em 21, ou o perigo de negligenciar a mensagem de libertação falada por Jesus e certificada não apenas pelas testemunhas de Jesus, mas também pelo próprio Deus nos capítulos 2, 3 a 4. Lemos sobre o perigo de se afastar do Deus vivo por desconfiança em 3 versículos 12 e 13, ou o perigo de não conseguir entrar no lugar prometido de descanso no capítulo 4, versículo 1 ou ficar aquém da mesma forma que a geração do deserto ficou aquém no limiar de entrar em sua terra prometida por conta de uma falha de confiança em 412.

Ou lemos sobre os perigos de ficar cansado e desanimado no capítulo 12, versículo 3, ou novamente de não conseguir alcançar os dons de Deus no capítulo 12, versículo 15. Encontramos ênfase repetida ao longo do sermão sobre esse mesmo perigo básico e, portanto, o mesmo desafio básico. Na comunidade, há alguns membros que vacilam em seu comprometimento e que vacilam na certeza de que a palavra que receberam é confiável.

Em sua convicção de que eles realmente encontraram o divino como resultado de se juntarem a este grupo e em sua certeza de que as recompensas prometidas a eles são reais e valem o preço que eles pagaram para permanecerem associados ao grupo a quem tais recompensas foram prometidas. Os crentes viveram muito tempo sem honra no mundo e sem terem recebido a glória que foi prometida aos filhos e filhas

de Deus. Eles passaram muito tempo sem ver o dia do Senhor, sempre se aproximando, mas nunca amanhecendo.

Eles enfrentaram a dificuldade de viver no espaço entre eles. Eles deixaram seu lugar e status em sua cidade terrena, mas ainda não entraram em sua honra e status na cidade permanente e duradoura da fundação de Deus. Portanto, alguns membros desta congregação começaram a ver a deserção do grupo como um caminho para a recuperação, como o caminho de volta para reivindicar o que restou desta vida no seio de seus vizinhos que sem dúvida teriam acolhido os penitentes e os reformados.

Se o autor busca realizar uma coisa neste texto, é encorajar os ouvintes a não sucumbir a essa hesitação no compromisso, mas sim continuar a se mover na mesma direção em que começaram a ir quando se juntaram ao movimento cristão e a fazê-lo com a mesma ousadia confiante que antes demonstravam. Ele escreve no capítulo 3, versículo 6, que somos casa de Cristo se nos apegarmos à nossa ousadia e à vanglória que vem da esperança. Ou, novamente, em 3:14, somos parceiros de Cristo se nos apegarmos ao nosso compromisso original firme até o fim.

Ele busca exortar seus ouvintes no capítulo 4, versículo 11, apressemo-nos para entrar naquele descanso para que ninguém caia no padrão de desobediência que a geração do deserto demonstrou. Ele os exorta em 4 versículos 14 a 16, a nos apegarmos ao que confessamos. Continuemos nos aproximando do trono da graça com ousadia.

Ele expressa seu desejo no capítulo 6, versículo 11, que cada um de vocês mostre até o fim a mesma ânsia pela plena certeza da esperança. E ele os exorta no capítulo 10, versículos 23 a 25: continuemos a nos aproximar para continuarmos firmes na confissão da esperança. E mais, em 10:35, não joguem fora sua ousadia, que contém uma grande recompensa.

Pois vocês precisam de perseverança para que, tendo feito a vontade de Deus, possam receber o que foi prometido. Ainda mais exemplos disso poderiam ser citados. Então, em exortação após exortação neste sermão, o autor mostra seu desejo primário de manter os ouvintes comprometidos em manter a identidade, as práticas e os limites que levaram à experiência de tensão com a sociedade em primeiro lugar.

Tudo em seu sermão, do começo ao fim, pode ser entendido como um incentivo retórico ou uma restrição retórica visando atingir esse objetivo de motivar a perseverança, lealdade e gratidão dos ouvintes a Deus e ao filho de Deus. Quais são as principais estratégias para atingir seus objetivos para seu público? À medida que trabalhamos no texto completo de Hebreus, descobriremos que o autor dá atenção a três estratégias principais para motivar a perseverança, incitando os ouvintes a adotar três respostas à sua situação. A primeira é desprezar a vergonha.

A segunda é mostrar gratidão a Deus por tudo o que receberam. A terceira é encorajar e apoiar uns aos outros enquanto continuam a pressionar diante das dificuldades e sofrimentos que seus vizinhos colocaram em seu caminho. Esta primeira estratégia de buscar motivar os ouvintes a desprezar a vergonha aborda de frente o problema da resposta negativa do vizinho cristão à sua conversão e às suas novas lealdades e novas práticas.

Esses vizinhos têm tentado envergonhar os convertidos de volta às suas atividades anteriores, aquelas atividades que eles poderiam afirmar. Por exemplo, da parte dos vizinhos gentios, a participação na adoração dos deuses tradicionais sustentou e preservou a vida cotidiana como eles a conheciam. Ou, no caso de vizinhos judeus não cristãos, atenção àqueles limites que preservaram o povo santo de Deus e os separaram das nações em obediência à comissão de Deus para eles.

O autor encoraja os ouvintes a desprezar a vergonha para que não sintam essa pressão social, para que fiquem isolados das tentativas de controle social de seus vizinhos. Um componente muito importante dessa estratégia será encontrado em Hebreus 11, pois o autor apresenta exemplos louváveis de pessoas que tiveram que desprezar a vergonha para obter maior honra diante de Deus e do povo de Deus. Assim, especialmente os exemplos de Abraão, Moisés, os mártires e o exemplo supremo do próprio Jesus são todos exemplos daqueles que, pela fé, tiveram que deixar de lado a opinião de pessoas de mente mundana para serem livres para buscar a honra que Deus havia estabelecido diante deles.

E a lembrança do autor do próprio exemplo passado da comunidade também cai nesse trem. Também encontraremos o autor reinterpretando experiências de ser envergonhado ou marginalizado como experiências realmente produtoras de honra diante de Deus. Isso, por exemplo, está por trás de sua projeção da situação do ouvinte como uma nobre disputa na qual eles são chamados a competir e potencialmente vencer, especificamente ao se elevarem acima da pressão social de seus vizinhos.

Também está por trás de sua metáfora da paideia divina, a disciplina formativa que Deus estabeleceu ao redor deles para torná-los cidadãos honrados e virtuosos da pátria que estão prestes a receber. Outro componente importante da estratégia do autor é fixar os olhos do ouvinte em mostrar gratidão a Deus por todos os benefícios que receberam e esperam ainda receber. Isso está realmente no cerne da estratégia retórica do autor para manter os destinatários focados nos dons incomparáveis que lhes chegaram, e que ainda chegarão a eles por meio da mediação de Jesus do favor de Deus.

Dessa forma, o autor também espera manter o valor de permanecer conectado com Jesus como seu mediador no favor de Deus fixo em seus corações. O autor lembra

energicamente as pessoas que podem estar começando a pensar que perderam muito ao se manterem firmes com o grupo cristão, de quanto ganharam e têm a ganhar por causa dessa conexão. Ele redireciona o foco delas, assim, para longe do que desistiram e para o que receberam, bem como para sua dívida de gratidão e seu benfeitor divino.

Dessa forma, o autor eleva a importância máxima de agir de uma forma que honre e preserve esse relacionamento benfeitor-beneficiário com o Deus do cosmos acima de qualquer outro incentivo ou objetivo. Patrocínio e reciprocidade eram a base do mundo social e cultural no qual o autor e seu público se moviam. O acesso ao que uma pessoa precisava era inevitavelmente encontrado nas mãos de outra pessoa na sociedade.

Assim, alguém pode obter o que precisa, por exemplo, semente para semear uma nova safra após uma colheita ou acesso a alguma oportunidade naqueles poucos lugares onde a mobilidade ascendente era possível neste mundo. Para que isso acontecesse, outra pessoa tinha que estar disposta a mostrar favor, a mostrar graça. E tal presente, tal demonstração de graça, na verdade iniciava mais um relacionamento entre o destinatário e o doador.

Não falo aqui de beneficência pública como quando um cidadão muito rico pode dar um banquete ou fornecer dinheiro para jogos para uma cidade inteira, mas nas interações pessoais do dia a dia entre indivíduos. Patrocínio e reciprocidade criaram laços sociais duradouros. Encontramos a ética desse relacionamento encapsulada nos significados da palavra *charis*, que é frequentemente traduzida como graça.

Mas esta palavra grega *charis* na verdade tem três significados distintos, mas relacionados. Favor, a disposição de dar, daí a tradução graça. O presente em si, e a gratidão que é devolvida ao doador.

Esta palavra *charis* reúne três significados que juntos criam a rede de reciprocidade que mantém esse tecido social firmemente tecido. Uma imagem clássica que frequentemente aparece em afrescos, baixos-relevos e estátuas é a imagem de três mulheres dançando juntas em um círculo, frequentemente de mãos dadas ou com uma mão sobre o ombro da outra. Esta imagem apresenta as três graças.

Sêneca, falando sobre essa imagem, fala sobre mulheres, essas três graças ou deusas, em termos das três facetas da reciprocidade. Há uma graça para dar bem, uma segunda graça para receber bem, e a terceira graça representa retribuir bem. Ou seja, fazer uma resposta de gratidão como um meio de aumentar a honra do doador, mostrar lealdade ao doador mesmo quando custoso, e procurar oportunidades para retribuir algum presente ou serviço quando for o momento certo.

Esta é a lógica sociocultural que o autor e seu público trazem para a composição e para a audição de Hebreus. Assim, à medida que o autor se detém nos benefícios que os destinatários receberam como resultado do favor de Deus para com eles em Cristo, ele também está lançando a base para encorajar uma resposta adequada a Deus e a Cristo, vinculando a lealdade contínua a Cristo e à casa de Deus, a igreja, à resposta de gratidão que eles são obrigados a fazer. Sua conexão contínua com este Jesus, além disso, assegura-lhes o desfrute contínuo do acesso a Deus e a descoberta de todos os recursos de que precisam para perseverar na estrada para desfrutar da plenitude, os benefícios finais que Deus prometeu para eles no reino eterno.

É também em conexão com essa estratégia que devemos ouvir as passagens de advertência de Hebreus, algumas das quais são bastante fortes. Mas o autor está simplesmente alertando seus ouvintes contra ultrajar um benfeitor tão generoso e tão poderoso ao desonrá-lo publicamente e seus dons ao desertar, ao testemunhar aos seus vizinhos que o favor de outros seres humanos vale mais do que o favor de Deus que foi conquistado para eles a um custo tão pessoal para o próprio filho de Deus. O terceiro componente principal da estratégia do autor que percorre todo o tecido de Hebreus é motivar os ouvintes a encorajar uns aos outros e fornecer o apoio social que cada indivíduo precisa para perseverar, particularmente em uma sociedade sem apoio.

O autor reconhece a importância dos companheiros cristãos para a perseverança de qualquer cristão individual na fé. Portanto, ele exorta os crentes do começo ao fim a energizar suas interações uns com os outros de maneiras positivas e que nutram a perseverança. Isso forneceria um compensador e contrapeso importante para os efeitos erosivos das respostas que eles têm sofrido de seus vizinhos não cristãos.

O autor enfatiza sua responsabilidade coletiva pela perseverança de cada indivíduo. Por exemplo, na exortação do capítulo 3, versículo 12 e seguintes, fiquem atentos, irmãos e irmãs, caso haja em qualquer um de vocês um coração perverso e desconfiado, inclinado a se afastar do Deus vivo, mas continuem falando encorajamento uns aos outros todos os dias, enquanto for chamado hoje, para que nenhum de vocês se torne endurecido pelo engano do pecado. Ou, apenas alguns versículos depois, no início do capítulo 4, tenhamos medo, para que, enquanto permanecer uma promessa de entrar no descanso de Deus, qualquer um de vocês pense que é melhor parar de repente.

E novamente, em direção à conclusão de seu sermão, ele exorta, continuem atentos, para que nenhum de vocês fique aquém do dom de Deus, para que nenhuma raiz de amargura brote, e por meio dela muitos se contaminem. Para que ninguém se torne carnal e ímpio como Esaú, que vendeu seus direitos como primogênito por uma única refeição. A reclamação do autor sobre o fracasso por parte de muitos na audiência em se tornarem professores a essa altura, como lemos no capítulo 5, é um fracasso por parte dos crentes mais firmes em assumir esse papel ativo em ajudar

suas irmãs e irmãos que são menos comprometidos, menos confirmados para manter seus compromissos com a cosmovisão e as práticas do grupo cristão, como o curso de ação mais sensato e vantajoso.

Se todos os membros do grupo assumissem um papel mais ativo na perseverança dos vacilantes, menos estariam agora abandonando a reunião de si mesmos. Esses indivíduos que se retiram, por outro lado, também falharam com seus companheiros cristãos. Sua partida diminui o todo e corrói o comprometimento daqueles que ficam para trás, que podem ser levados a pensar, se eles não acham mais esse empreendimento cristão convincente, por que exatamente nós achamos? O autor está, portanto, preocupado do começo ao fim em manter os membros restantes se movendo na direção de se aproximarem uns dos outros, assegurando-lhes que esse mesmo movimento significa se aproximar de Deus e de sua herança celestial.

Ele também está preocupado em motivar os crentes a prover uns aos outros o que quer que qualquer um deles precise receber, para que sintam a provisão de Deus e a realidade da família, do amor fraternal e fraterno na e por meio da comunidade de fé à qual se comprometeram. Dedicamos um tempo considerável na apresentação anterior para discernir o que pode ser conhecido sobre o autor, a congregação, a situação em que se encontravam e o objetivo pastoral e a estratégia do autor para eles. Uma pergunta final que podemos fazer é quando Hebreus foi escrito. Infelizmente, assim como na questão da autoria e localização dos destinatários, simplesmente não temos informações firmes para responder a essa pergunta.

É geralmente aceito que Hebreus foi escrito antes do fim do primeiro século. Isso ocorre porque um dos pais apostólicos, Clemente de Roma, parece se referir ao primeiro capítulo de Hebreus ao escrever sua própria carta às igrejas de Corinto. Isso geralmente é datado por volta de 96 d.C., então Hebreus obviamente teria que ter sido escrito antes.

Também é dado que Timóteo, um dos companheiros missionários de Paulo, ainda estaria apto o suficiente para viajar, o que novamente aponta para algum tempo antes de 96 d.C. Estudiosos tentaram restringir ainda mais o alcance da composição. Por exemplo, William Lane, em seu comentário magistral sobre Hebreus na Word Biblical Commentary Series, coloca Hebreus na própria Roma como se fosse endereçado aos cristãos de lá.

Ele discerne da declaração de que a congregação ainda não resistiu ao ponto do sangue que a carta teve que ser composta antes da perseguição de Nero àquela congregação por volta de 64 d.C. Infelizmente, essa tese depende da localização dos destinatários de Hebreus em Roma, enquanto a maior parte das evidências os localiza fora da Itália, e o autor está na verdade na própria Itália, ou talvez também em Roma. Outros tinham olhado para as referências aos sacrifícios levíticos no

templo como um sinal de que Hebreus foi escrito pelo menos antes de 70 d.C., quando o templo foi destruído.

Eu acho esses argumentos persuasivos, pois as declarações que o autor faz sobre os sacrifícios no templo seriam mais naturalmente ditas antes de sua destruição e da cessação dos sacrifícios ali. No início do capítulo 10, por exemplo, o autor diz que a lei nunca pode, pelos mesmos sacrifícios que são continuamente oferecidos ano após ano, tornar perfeitos aqueles que se aproximam. Caso contrário, eles não teriam cessado de ser oferecidos? A pergunta retórica ali no final dessa declaração sugere que os sacrifícios ainda estão de fato sendo realizados de acordo com Levítico e seus regulamentos.

Caso contrário, essa pergunta retórica faria pouco sentido porque, de fato, eles teriam cessado de ser oferecidos a essa altura. O autor também diz no capítulo 9, versículos 8 e 9, que a primeira câmara do tabernáculo terrestre, o lugar santo, em oposição à segunda câmara, que será semelhante ao santo dos santos no templo, citação, é uma analogia para o período atual, segundo a qual dons e sacrifícios estão sendo oferecidos que são incapazes de aperfeiçoar o adorador em relação à sua consciência. Novamente, tal declaração é mais naturalmente lida em uma situação na qual o autor e o público sabem que esses sacrifícios estão de fato continuando a ser oferecidos.

Finalmente, em Hebreus 10 versículo 11, o autor diz que todo sacerdote se levanta dia após dia em seu serviço, oferecendo repetidamente os mesmos sacrifícios que nunca podem tirar pecados. Tal declaração, novamente, reflete mais naturalmente o desempenho contemporâneo contínuo dos sacerdotes levíticos de seu dever prescrito nas escrituras, de modo que nesses sacrifícios, continua a haver um lembrete anual dos pecados. Alguns argumentam contra essa visão, que essas passagens apontam para uma data anterior a 70, com base na alegação de que a Mishná e Flávio Josefo, o historiador do primeiro século, falam sobre esses sacrifícios levíticos como contínuos, ou atuais, ou presentes, bem depois de 70 d.C.

O argumento também é que o autor poderia ter escrito depois de 70 e está apenas mostrando sensibilidade ao falar sobre a destruição do templo. Nenhum desses argumentos, no entanto, me parece particularmente convincente ou útil. Quanto à sensibilidade do autor ao falar sobre a destruição do templo, parece-me que o autor não teria sido reticente em mencionar que, como o último prego no caixão, por assim dizer, dos sacrifícios levíticos, o templo havia sido destruído.

Este é o mesmo autor que, em sua interpretação da passagem sobre a nova aliança em Jeremias 31, 31 a 34, não hesita em falar da antiga aliança como algo que envelhece e está próximo de ser abolido. Além disso, Josefo e a Mishná têm um investimento particular nos sacrifícios que aconteceram em Jerusalém e uma esperança de que um dia eles seriam retomados em um templo restaurado. Isso

provavelmente explicaria sua manutenção na memória, por assim dizer, desses sacrifícios ao falar sobre eles no tempo presente como algo contínuo ou contínuo, certamente não decisivamente interrompido.

O autor de Hebreus, no entanto, não compartilha tal esperança. Na verdade, ele relega esses sacrifícios ao nível de serem ineficazes para o relacionamento de alguém com Deus, e os relega a um tempo passado, antes da morte de Jesus. O único sacrifício que ele valoriza no momento presente, e para todos os momentos futuros, é o sacrifício que Jesus fez ao dar sua vida em obediência a Deus.

Assim, embora a questão certamente não esteja resolvida, faz sentido para mim pensar no Sermão aos Hebreus como uma comunicação enviada antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C. Além disso. No entanto, muito pouco pode ser dito para estreitar ainda mais a data. Agora exploramos tão completamente quanto as evidências permitiram o autor deste sermão, seu histórico, sua arte e habilidade, seus propósitos e suas estratégias gerais.

Também reconstruímos o mais completamente possível a demografia e a história da comunidade ou comunidades cristãs que ele aborda e os desafios apresentados que ocasionam a intervenção pastoral que chamamos de carta aos Hebreus. Agora estamos prontos para começar nossa análise detalhada do sermão segmento por segmento, o que faremos consistentemente com uma visão não apenas do conteúdo do texto, mas também da maneira como este texto está posicionando o público em direção ao que o pregador acredita ser a resposta fiel e vantajosa aos desafios diante deles.